

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### Conselho Editorial

#### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)<br/>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |   |
|---|---|
| L755  | Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader<br>Modo de acesso: World Wide Web<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-85-7247-874-8<br>DOI 10.22533/at.ed.748192312<br><br>1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.<br>CDD 410 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |   |

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Bem-vindos, leitores e leitoras às dezenove reflexões que compõem este belíssimo e-book!

A própria identidade deste livro já anuncia aos leitores a pluralidade de conhecimentos que será encontrada em cada um dos trabalhos, em cada um dos autores e das referências utilizados. São textos que interagem a partir de uma estética multidisciplinar, criando cartografias de múltiplos saberes, ampliando múltiplos olhares, sobretudo por partirem de contextos variados de produção, reflexão e investigação do conhecimento.

A originalidade deste e-book se encontra inserida na pluralidade das reflexões que os autores propõem para o campo da pesquisa em multifacetados contextos em que a linguagem toma forma e inebria-se de sentidos. Todo texto apresentado é único pelo seu campo de investigação, o que não o torna uma ilha, mas cada um constitui-se de uma grande colmeia de saberes.

As discussões deste e-book são realizadas a partir múltiplos discursos, de muitas mãos, de muitos pensamentos que ao mesmo tempo em que problematizam, indicam caminhos capazes de direcionar o saber internalizado de cada sujeito que enxerga e aceita o qualificado desafio de passear entre as muitas veredas apresentadas no plano da coletividade de cada texto.

São dezenove capítulos que dialogam com outros autores, que garimpam as mais límpidas e ricas reflexões no trabalho multidisciplinar e contínuo da linguagem. O ponto alto de cada um dos dezenove capítulos organizados nesta obra reitera a necessidade de realização de trabalhos coletivos, engajados e repletos de significados.

Os capítulos desta obra juntam-se às múltiplas vozes em prol de um processo educativo capaz de comunicar, informar, esclarecer, problematizar e propor soluções. Sendo assim, todos os trabalhos passeiam entre os campos das Letras, das pesquisas linguísticas e das linguagens artísticas no fazer docente.

Cada capítulo demonstra um pouquinho de como seus autores pensam, de suas essências, de suas inquietudes e de seus sonhos. Em linhas gerais, esperamos que sejam valiosas, ricas, significativas e eficazes as reflexões, doravante, apresentadas neste e-book.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| A CONTRIBUIÇÃO DO HISTÓRICO DE LETRAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES FINAIS, NA MOBILIZAÇÃO DA INTERGENERECIDADE NA ESCRITA DO DIÁRIO DE APRENDIZAGEM |           |
| Valdení Venceslau Bevenuto<br>Marlene Maria Ogliari  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923121</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>13</b> |
| LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO BÁSICO   |           |
| Ivan Vale de Sousa   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923122</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>24</b> |
| A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA  |           |
| Rayane Araújo Gonçalves  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923123</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>35</b> |
| A CRENÇA ABSOLUTA NA VERACIDADE DOS DISCURSOS E DO LIVRO DIDÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A TEORIA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID/ INGLÊS           |           |
| Nayara Stefanie Mandarinino Silva  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923124</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>44</b> |
| A CONDIÇÃO HUMANA DO JOVEM LAZARO DE TORMES, NO CONTEXTO DA PICARESCA ESPANHOLA  |           |
| Maria Catarina Ananias de Araújo   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923125</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>50</b> |
| A FOME COMO MÓVEL DA AÇÃO DO PÍCARO: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO PERSONAGEM LÁZARO DE TORMES   |           |
| Maria Catarina Ananias de Araújo   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923126</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>60</b> |
| A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA  |           |
| Eduardo de Lima Beserra<br>Rodrigo Selmo da Silva  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923127</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....  | <b>72</b> |
| A LITERATURA BELLATINIANA E A NARRATIVA PERFORMÁTICA   |           |
| Erika Rodrigues Coelho<br>Natalino da Silva de Oliveira  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923128</b>   |           |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....  | <b>80</b>  |
| AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS  |            |
| Patricia Luciano de Farias Teixeira  |            |
| Elizany Alves de Araújo  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.7481923129</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....   | <b>91</b>  |
| CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: ROMPIMENTO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL OU ATUALIZAÇÃO DO GÊNERO? |            |
| Maria Zildene Gomes Rabelo   |            |
| Denise Noronha Lima  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231210</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....   | <b>101</b> |
| O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL  |            |
| Cecilia Maria Tavares Dias   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231211</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....   | <b>113</b> |
| FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA                               |            |
| Vera Maria Luz Spínola   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231212</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....   | <b>127</b> |
| MEMES VIRTUAIS, DISCURSO E LEITURA: APONTAMENTOS PARA UMA AULA DE LEITURA DISCURSIVA             |            |
| Gustavo Haiden de Lacerda  |            |
| Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231213</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....   | <b>132</b> |
| MONITORIA ACADÊMICA DE LÍNGUA LATINA: INICIAÇÃO E APOIO AO TRABALHO DOCENTE                      |            |
| Antonia Nayara Pinheiro Rolim  |            |
| Everton Alencar Maia   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231214</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....   | <b>137</b> |
| MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM –VEL  |            |
| Ana Lúcia Rocha Silva  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231215</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....   | <b>150</b> |
| O LAMENTO DE ANDRÔMACA EM EURÍPIDES  |            |
| Luciano Heidrich Bisol   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231216</b>  |            |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....   | <b>160</b> |
| PODER E IMPOTÊNCIA: O JOGO DE REPERCUSSÕES EM A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR, DE HERTA MULLER       |            |
| Lucas Andreuchette Medeiros<br>Ana Lúcia Montano Boessio                                       |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231217</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....   | <b>167</b> |
| REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO                            |            |
| Lays Emanuelle Viédes Lima<br>Márcia Maria de Medeiros   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231218</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....   | <b>179</b> |
| O FAZER ARTÍSTICO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS)                                    |            |
| Stéfane Cristine Luz Freire Silva<br>Gilson de Oliveira Morais Júnior<br>Lucas Hordones Chaves |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231219</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....   | <b>188</b> |
| A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA                            |            |
| Rayane Araújo Gonçalves  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.74819231220</b>  |            |
| <b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....   | <b>200</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....  | <b>201</b> |

## A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA

**Eduardo de Lima Beserra**

Trabalho apresentado à disciplina de Análise do Discurso, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães, na Universidade Federal Rural de Pernambuco — Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST).

**Rodrigo Selmo da Silva**

**RESUMO:** Em diversos contextos sociais, a utilização do riso como forma de reprovação e de modelagem social fica evidente. Quer no trabalho, quer na família, os sujeitos estão expostos ao ridículo por meio da sátira humorística. Mesmo em ambientes formais, como o contexto laboral, são comuns comportamentos inadequados camuflados na ótica da piada e da anedota. Nesse sentido, este artigo procura analisar a construção da figura feminina através dos discursos do apresentador de televisão Fausto Silva. A fim disso, a pesquisa se propõe a descrever as construções enunciativas do apresentador de TV na narração de vídeos caseiros (ou vídeos cacetadas), nos quais as mulheres são protagonistas. Ainda, procura-se compreender o que tais discursos viabilizam no tocante à instauração da imagem feminina no contexto em que é exposta. Esta pesquisa é orientada teórico-metodologicamente pela Análise do Discurso Francesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Figura feminina; Faustão; TV; Discurso; ADF.

**ABSTRACT:** In every social contexts the use of laughter as a way of disapproval and social modeling is clear. Either in the workplace or into the family the individuals are exposed to ridiculous situations by a humorous satire. Even on formal environments such as the labour context the inappropriate behaviors are very common camouflage on the viewpoint of a joke and an anecdote. In this sense, the article seeks to analyse the feminine construction through the television host Fausto Silva's speech. In order for that, the research proposes to describe the enunciative constructions from the TV host by home videos' narrative (videocassetadas - bloopers) in which women are the main characters. Yet, the research looks forward to comprehend what those kinds of speeches enable on the matter of an establishment on exposed context of feminine image. This research is oriented theoretical-methodologically by the French Discourse Analysis.

**KEYWORDS:** Female figure; Faustão; TV; Speech; ADF.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho faz considerações a respeito da representação da figura feminina em um

programa de televisão – Domingão do Faustão. Além disso, a pesquisa propende a contribuir com a disseminação de estudos no campo da AD.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, o trabalho se apoia nas premissas da Análise do Discurso Francesa. Desse modo, as discussões propostas aqui repousam sobre as contribuições de Pêcheux, Foucault e Orladin, abordadas no trabalho de Robinéia da Costa Seraphim (2015), bem como no aporte teórico de Grigolieto (2002), Gregolim (2006), Fernandes (2005) e Ferreira (2005).

O trabalho possui como corpus de análise construções enunciativas do apresentador de TV Fausto Silva, do momento em que ele narra a exibição de vídeos caseiros no seu programa de TV. Além disso, a pesquisa procura dilucidar o tom pejorativo que se manifesta em tais construções enunciativas.

À sombra disso, busca-se compreender as razões pelas quais discursos de ordem perniciosos são erigidos em relação à mulher no tocante à aparição delas nos vídeos caseiros. Nesse sentido, parte-se da hipótese de que os discursos referentes à figura feminina, produzidos pelo apresentador do programa, ganham respaldo nos estereótipos negativos associados à mulher, bem como são sustentados pela ocasião em que os vídeos são exibidos no programa – estes têm a função de entreter o público/auditório.

Em sua estrutura, este trabalho se divide em cinco seções: a primeira trata a respeito da história e das fases da Análise do Discurso Francesa (doravante AD); a segunda faz uma breve abordagem acerca de aspectos teóricos muito presentes na configuração da AD; a terceira seção apresenta os passos metodológicos seguidos para a realização da pesquisa; a quarta faz a análise do corpus e, finalmente, a quinta seção corresponde às considerações finais deste trabalho.

## 2 | FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA (ADF)

A Análise do Discurso Francesa (doravante ADF) passou por três fases, ou épocas, como alguns autores preferem, até assumir a configuração teórica e metodológica atual. Em cada fase, conceitos foram instituídos e/ou reelaborados, haja vista a necessidade de tornar a ADF uma ciência articulada, isto é, capaz de dar conta dos inúmeros fenômenos que se manifestam por meio do discurso da linguagem humana.

A primeira fase da ADF é influenciada pelos estudos de Pêcheux, com a publicação da obra “Análise Automática do Discurso”, na qual o estudioso defendia que o discurso era encerrado em si e, portanto, tinha natureza homogênea, ou seja, um discurso vigorava ou existia até o momento em que outro discurso fosse instaurado, assim, nenhuma relação se estabeleceria entre ambos. Para Seraphim, a publicação do livro se configura como

um empreendimento metodológico com base na releitura de Saussure. No contexto dessa releitura, o principal deslocamento operado se concentra na língua e no seu caráter social, envolvendo o sujeito e a História como base dos processos

Sendo assim, por meio da análise automática do discurso, Pêcheux pretendia “colocar em evidência traços do processo discursivo, a fim de determinar os enunciados de base produzidos pela máquina discursiva” (GREGOLIM, apud SERAPHIM, 2006, p. 62), compreendida como um conjunto de discursos fechados, em que a diferença só pode existir entre eles, acentua Seraphim (2015).

Na primeira fase da Análise do Discurso Francesa (AD-1), Pêcheux determinou procedimentos de análise que consideravam apenas os aspectos semânticos e estruturais dos enunciados. Nessa perspectiva, não levava em conta a existência de elementos que estão para além do núcleo discursivo, uma vez que o autor fundamentava seus estudos no trabalho do estruturalista Saussure. Portanto, a AD-1 assume que “a alteridade e a interdiscursividade não eram consideradas [...] e o sujeito é visto ao mesmo tempo como assujeitado e como produtor do seu discurso” (SERAPHIM, 2015, p. 108).

Contudo, conforme coloca Grigoletto (2002), existem aspectos positivos presentes na primeira fase da AD, como o viés não-subjetivista na análise do discurso, o afastamento da ideia de que a linguagem está reduzida a aspectos comunicativos, a interação entre discursos e a relação entre a linguística e elementos histórico-sociais.

De acordo com Seraphim (2015), foi a autocrítica feita à maquinaria discursiva que levou a análise automática do discurso a uma segunda fase (AD-2). Desse modo, a mudança se dá no momento em que Pêcheux aponta as relações entre as máquinas como sendo:

Relações de forças desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por ‘dispositivos’ com influência desigual uns sobre os outros: a noção discursiva tomada de empréstimo de Michel Foucault começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadido’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outra FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais [...] (PÊCHEUX, apud SERAPHIM, 1997, p. 314).

É na segunda fase da ADF que a noção de Formação Discursiva (doravante FD), postulada na AD-1, passa por redefinição, como também ganha mais espaço nas discussões teóricas e os discursos não mais são concebidos como algo fechado, mas sim como algo transversado pela exterioridade, como expõe Seraphim (2015). Destarte, dá-se o rompimento com as ideias e/ou premissas de que o discurso é acabado, encerrado em si mesmo, munido em relação às interferências de discursos outros.

Em meio a isso, a noção de interdiscurso começa a permear os trabalhos vinculados à AD-2. Compreendido como um elemento no processo de designação daquilo exterior às máquinas, “o interdiscurso é o que liga os discursos à memória e

faz com que os sujeitos sejam afetados pelo esquecimento” (GRIGOLETTO, 2004, p. 34). Ainda, é colocada em xeque a concepção de sujeito como “puro efeito de assujeitamento à maquinaria da FD com a qual ele se identifica” (PÊCHEUX, apud SERAPHIM, 1997, p. 314). Frente a isso, as causas que determinam o sujeito são levadas em conta pela Análise do Discurso Francesa na AD-2.

As concepções materialistas de sujeito são esquadrihadas na AD-2 por Pêcheux quando o autor

Primeiramente, define ideologias não como ideias, mas como forças materiais e, em segundo lugar, as concebe como não tendo origem nos sujeitos, e sim constituindo os indivíduos em sujeitos. [...] Pêcheux deixa claro que o sujeito, para ele, é o sujeito da ideologia, pois que não existe outro, o qual, por consequência, não poderia ser a origem, pois é efeito (GRIGOLETTO, apud SERAPHIM, 2002, p. 36).

Haja vista isso, ainda, na segunda fase da Análise do Discurso Francesa, as noções de heterogeneidade discursiva, bem como a concepção do Outro passam a ser consideradas e é apenas na terceira fase da ADF que a ideia de maquinaria fechada perde seu espaço definitivamente nas elucubrações teóricas, especificamente nos estudos de Pêcheux. Nesse momento, “acentua-se o primado teórico do outro sobre o mundo” (SERAPHIM, 2015, p. 110) e a noção de interdiscurso ganha maior força nos estudos da Análise do Discurso Francesa.

Diante disso, Seraphim (2015) assinala que os sujeitos são colocados no mundo pelo seu discurso ao mesmo tempo em que é desestabilizado “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (PÊCHEUX, apud SERAPHIM, 1997, p. 111). Nesse sentido, a conjuntura da terceira fase da ADF é marcada por desarranjos teóricos e várias questões surgem em torno dos objetivos da área. Assim sendo, muito se questiona a respeito da constituição do sujeito que constrói discursos, sobre o território da memória e outros aspectos que atravessam a Análise do Discurso.

### **3 | NOÇÕES ELEMENTARES DA ADF RELATIVAS À TERCEIRA FASE**

Nesta seção, apontamentos serão feitos acerca dos pressupostos teóricos fundantes da Análise do Discurso Francesa. Desse modo, serão abordados, de modo elementar, os conceitos de discurso, sujeito, formação discursiva e interdiscurso.

Segundo Fernandes (2005, p. 19), não se deve confundir o discurso, objeto de análise da ADF, com o vocábulo discurso, compreendido pelo senso comum como textos de falas políticas ou textos elaborados por meio de recursos retóricos. Nesse sentido, enquanto elemento de análise da ADF, “discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguísticas. [...] Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, apud SERAPHIM, 2005, p. 112).

Com base nessa oposição estabelecida, outras concepções se manifestam a partir das teorias do discurso, como as concepções de sentido e de significado. “Os sentidos carregam em si o movimento da história e conseqüentemente das ideologias presentes nos universos político e social, ao passo que o significa é engendrado pela unicidade e fixidez” (SERAPHIM, 2015, p. 113). Dessa forma, os sentidos são abertos e concatenam fatores que perpassam as estruturas sociais e os sujeitos, ao passo que o significado é o completo oposto, pois é fechado e somente perturbado mediante o processo de modificação de uma língua.

É com base na definição de sentido que a ADF lança luz à concepção de sujeito discursivo, que não se confunde com a noção de indivíduo. Nesse sentido, Fernandes (2005) aponta o sujeito enunciativo como um sujeito

Não fundamentado em sua individualidade, em seu ‘eu’ individualizado, em um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em dado momento da história e não outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de uma dada realidade social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico (FERNANDES, apud SERAPHIM, 2005, p. 113).

Assim sendo, Fernandes (2005) afirma que para compreender o sujeito discursivo é necessário, também, entender as vozes sociais que o perpassa. Isso implica dizer que “o sujeito discursivo não é homogêneo, mas heterogêneo, por ser constituído de diferentes discursos que o interpelam” (SERAPHIM, 2015). Ainda, segundo Orlandi (2007), o sujeito discursivo, permeado pela heterogeneidade, está sujeito à língua e à história, pois essas são as condições necessárias para que ele se constitua e construa sentidos.

Além disso, Seraphim (2015) assinala que esse tipo de sujeito não assume uma forma de subjetividade, mas sim posições e que, no interior das diversas posições, há duas formas de heterogeneidade, a saber, a constitutiva (resultante do entrelaçamento de diversos discursos) e a mostrada (nesta, o discurso do outro é reconhecido através da materialidade linguística). No mais, acerca da heterogeneidade discursiva, “a ADF também leva em consideração o sujeito e a linguagem atravessados pelas teorias do inconsciente postulas por Freud e Lacan” (SERAPHIM, 2015, p. 114). Nesse sentido, a psicanálise tem grandes contribuições no que se refere ao entendimento do que seja o sujeito, assim, respaldado por tais subsídios, Fernandes (2005), concebe o sujeito enunciativo como

descentrado, considerando que sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas. O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o ‘outro’, compreendido como exterioridade social (FERNANDES, apud SERAPHIM, p. 115).

Em virtude disso, com o intento de compreender o descentramento do sujeito,

Orlandi (2007) aponta duas formas de esquecimento, conjecturadas por Pêcheux em 1995. Há o esquecimento número dois, que corresponde àquilo estabelecido da relação entre pensamento, linguagem e mundo, indicando que o dizer sempre pode ser outro, pois esse esquecimento é da ordem da enunciação, conforme salienta Orlandi (2007). Quanto ao esquecimento número um, a autora aponta que:

temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes [...]. Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade (ORLANDI, apud SERAPHIM, 2015, p. 115).

Com no excerto acima, Seraphim (2015) reitera “que o sujeito não é algo dado, ele se constitui na trama discursiva, no espaço entre o ‘eu’ e o ‘outro’, no imbricamento da ideologia, da história e do inconsciente, dando vazão ao desejo”.

Outro conceito fundamental na Análise do Discurso Francesa é o de Formação Ideológica, entendida por Ferreira (2005) como elemento regulador do dizer dos sujeitos num dado tempo histórico. Isso recupera a ideia de que os discursos produzidos pelos sujeitos não são inéditos, pelo contrário, são transpassados por ideologias diversas, pois, uma vez inserido no âmbito social, o sujeito é influenciado por ideias, princípios e modelos psíquicos que determinam sua existência no tempo e no espaço. Consoante a isso, Foucault (2009) delinea que o sujeito não tem o direito de dizer tudo, não pode falar de tudo em qualquer circunstância.

No que tange à noção de Formação Discursiva (FD), Seraphim (2015) explicita que a princípio não pode ser versada como uma unidade de enunciados homogêneos, mas como algo constituído por discursos distintos. Desse modo, a FD se delinea mediante o imbricamento de diferentes discursos e está diretamente ligada à Formação Ideológica, pois esta, consoante Ferreira (2005), é um elemento inclinado a intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social, portanto discursiva.

Para além disso, tendo em vista que uma Formação Discursiva é a teia de relação entre vários discursos, é colocada em relevo a concepção de Interdiscurso, elucidada, por Ferreira (2005), como aquilo que determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de discursos de tal modo que apareçam como o puro já-dito, logo é o conjunto de FD resignificadas na existência dos sujeitos no processo do dizer.

Por conseguinte, as considerações estabelecidas a respeito da Análise do Discurso Francesa, nesta seção, permitem a compreensão de determinadas condições e forças moventes presentes no exercício da linguagem verbal. À luz disso, como Orlandi (2007) assinala, não se pode ter a fantasia de que a linguagem é transparente, pois sobre ela os sujeitos não exercem controle e os sentidos são como quimeras, dando a impressão de que é possível dominar os fenômenos da linguagem verbal.

## 4 | METODOLOGIA

Este trabalho se situa no campo da pesquisa qualitativa, porque se volta para os aspectos subjetivos do objeto estudado. Assim, visa analisar a construção da figura feminina em formações discursivas específicas. O delineamento desta pesquisa foi esboçado a partir da observação do problema em vídeos caseiros<sup>1</sup> narrados pelo apresentador de televisão Fausto Silva (Faustão), em seu programa de auditório. Nesse sentido, as práticas do sujeito discursivo em questão foram essenciais não apenas para a demarcação desta pesquisa, mas também para a idealização e a concretização dela.

Primeiramente, selecionou-se um compilado de vídeos caseiros do programa Domingão do Faustão, disponível no YouTube. Depois de observado, 26 vídeos do agrupado foram selecionados, nos quais a mulher é tida como protagonista. Em meio à observação das películas escolhidas, fez-se dois recortes temporais: um geral, que engloba contextos aos quais vários tipos de discursos são direcionados e um específico, que indica os discursos inerentes ao problema deste trabalho.

Em virtude das razões metodológicas, bem como dos critérios de identificação do *corpus*, as vídeos cacetadas selecionadas foram codificadas da seguinte forma: (vc1\_2017\_DF\_2:27:42). Esse código se constitui dos seguintes aspectos: a abreviação “vc” indica o nome da vídeo cacetada e o número “1” corresponde ao número da VC<sup>2</sup> selecionada, enquanto o algarismo “2017” se refere ao ano em que a vídeo cacetada foi exibida no programa de TV. A sigla “DF” representa o nome do programa, Domingão do Faustão, e a numeração “2:27:42” corresponde ao recorte temporal específico, marca o tempo exato em que a vídeo cacetada está sendo narrada pelo apresentador. Vale, também, ressaltar que a marcação temporal indica o tempo preciso em que a vídeo cacetada está sendo reproduzida, já que os vídeos estão ordenados em um compilado. No mais, as VC designadas à análise possuem uma denominação dada pelos autores do trabalho.

Para efeitos de ilustração, segue um exemplo do exposto: (vc26\_2017\_DF\_1:53:27) – *Mulher brincando com o cachorro e um de seus dentes cai. Nesse traslado, tem-se a vídeo cacetada denominada “Mulher brincando com o cachorro e um de seus dentes cai”, de número 26, reproduzida no ano de 2017, no programa Domingão do Faustão, e o tempo exato em que é apresentada no compilado corresponde a 1h53min27s. Ademais, relacionado à vídeo cacetada, eis o comentário do apresentador do programa: Olha o dente dessa mulher. Nossa olha aí. Caiu o Romário, o centroavante, bicho. Ó lá! Olha aí, além de feia é banguela. Olha, bicho! Você beijar uma mulher dessa você pega pneumonia.*

1 No processo de análise utilizaremos ora a expressão vídeos caseiros, ora vídeos cacetadas a fim de evitar repetições. A primeira forma corresponde ao fato de os vídeos apresentados no programa serem, efetivamente, produzidos em contextos diversos por amadores. A segunda expressão ganha a referida denominação a partir do momento em que os vídeos são apresentados no programa de TV.

2 VC: vale-se da forma abreviada a fim de evitar a repetição da expressão “vídeo(s) cacetada(s)”

## 5 | ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES ENUNCIATIVAS

Nesta seção serão analisadas seis construções enunciativas do apresentador de TV Fausto Silva. O contexto da enunciação é o da ocasião em que as vídeos cacetadas são exibidas no Programa Domingão do Faustão, cujo intento é dar maior relevo ao aspecto humorístico do programa.

### a) Construções enunciativas 01 e 02

Nestas construções enunciativas, a primeira faz referência a uma mulher solteira, provavelmente (01) e a segunda se refere a uma mulher casada (02). Aqui, toma-se generalizações em virtude do que os vídeos observados expõem.

- (vc6\_2017\_DF\_9:26) *Mulher sobe na cadeira em festa de casamento: Olha a mocreia! Mocreia de negro. Que isso, bicho?! Que ela cai na varanda (01)*
- (vc23\_2017\_DF\_1:03:12) *Festa de casamento: O desespero das encalhadas. O que é final de casamento. Se essa mulher casou, as outras, claro, estão otimistas. [...] Olha o desespero! (02)*

O sujeito que se expressa nos comentários adquire a posição de mediador e seu intento reside em narrar ações que se projetam nas vídeos cacetadas. Isso implica dizer que esse sujeito exerce a função de intensificar a relação entre uma situação prosaica e a maneira como tal situação atinge o olhar e as sensações de quem a observa. Os discursos realizados se centralizam nas ponderações que o sujeito traz a respeito de paradigmas, de certo modo, estáveis: a maneira como uma mulher deve se portar e/ou quais são os padrões estéticos necessários à existência feminina. O contexto em que ocorre a reprodução dos vídeos autoriza a expressão e a autoridade desse sujeito na formulação de seus discursos, pois o objetivo da exposição das películas é criar uma atmosfera risível e de escarnecimento em volta de situações diversas localizadas nas VC.

Em 01, o uso do verbo *olhar*, no modo imperativo, ratifica a afirmação de que o sujeito enunciativo assume o papel de mediador entre a situação “comum” representada na vídeo cacetada e o auditório do programa. Além disso, há no enunciado o uso do adjetivo *bicho*, em apóstrofe, que, possivelmente, é uma marca das construções enunciativas do apresentador, dado o uso constante do vocábulo nas diversas construções de enunciados. Outrossim, a utilização do substantivo *mocreia* justifica o tom pejorativo atestado no discurso do sujeito enunciativo, a julgar pelo caráter significante da palavra. A palavra *mocreia* se comporta como uma gíria brasileira de particularidade ultrajante, refere-se a uma mulher que não atenda a determinados arquétipos de beleza e/ou comportamentais. No mais, a construção *mocreia de negro*, além de salientar o tom pejorativo com que o sujeito enunciativo constitui a imagem da mulher por meio de seu dizer, realça a problemática em torno da condição do

negro, colocando em crise a constituição (identitária) de dois sujeitos opostos, mas que, na construção enunciativa, diluem-se um no outro por apresentarem caracteres estigmatizantes.

Na construção enunciativa 02, os vocábulos *encalhada*, *desespero* e *otimista* colocam em xeque o olhar depreciativo portado pelo sujeito da enunciação. O uso das referidas palavras se volta para a anulação da imagem feminina em detrimento de padrões sempre estéticos. Nessa perspectiva, o discurso do sujeito denuncia que são fatores como peso, aparência física, por exemplo, que determinam o fato de as mulheres naquele contexto estarem encalhadas — vocábulo que denota o impedimento de uma ação em virtude de algum fator avesso — e que tais mulheres precisam ser otimistas porque, apesar de uma delas não atender aos paradigmas fundantes de uma estética física desejável (“se essa mulher casou, as outras, claro, estão otimistas”), pôde sair da condição na qual as demais se encontram. Sendo assim, aquele que enuncia estabelece uma relação diametral entre sujeitos que, supostamente, estão à mercê de uma situação romantizada e que proporciona o improvável. Há o esvaziamento do ritual de casamento: está disposta a pegar um buquê de flores não é um índice exato de que a mulher deseja se casar, como também não é a existência de um protótipo estético e/ou físico que viabiliza ou inviabiliza a formação de um matrimônio, tendo em vista a ruptura das dualidades equívocas que sondam os modelos mentais e sociais.

### **b) Construções enunciativas 03 e 04 – 05 e 06**

As construções enunciativas deste tópico fazem referência a aspectos como estrutura física da mulher (construções enunciativas 03 e 04) e a cor dos cabelos pela qual determinadas mulheres optam ou, simplesmente, possuem (construções enunciativas 05 e 06).

#### **1. Construções enunciativas 03 e 04**

- (vc26\_2017\_DF\_2:27:42) Mulher pulando na cama elástica: Olha o provolone! Olha o tamanho da mortadela. Olha aonde vai! Parece um colchão voando.
- (vc13\_2017\_DF\_1:45:37) Mulher escorrega de cima de uma carro: Cês já viram vários tipos de mocreia, agora mocreia escorregadia. Mas olha lá, bicho! Ó lá, tratamento contra celulite.

Na construção enunciativa 03, o sujeito da enunciação se vale de metáforas para se direcionar à mulher que protagoniza a vídeo cacetada. Nesse caso, o sujeito da enunciação utiliza substantivos, majoritariamente, do campo lexical alimentos para fazer alusão ao peso da mulher, portanto vocábulos como mortadela e provolone carregam nesse contexto um aspecto pejorativo, pois são usados com a intenção de definir a estrutura física de uma mulher de modo ultrajante, não elogioso. Além disso, a posição de mediador do sujeito enunciativo, mais uma vez, é validada pelo verbo olhar,

no modo imperativo. Ainda, a equiparação estabelecida pelo discurso do apresentador tende a potencializar os discursos que se instauram acerca dos padrões impostos para um corpo ideal. Já em 04, o sujeito da enunciação se reporta ao substantivo *mocreia* a fim de definir os traços físicos de uma mulher, assim, ele estabelece uma espécie de diálogo com o público para dar ênfase ao seu dizer, alude aos tratamentos estéticos a partir da posição em que o feminino é apresentado.

### 1.2 Construções enunciativas 05 e 06

- (vc25\_2017\_DF\_1:41:48) Mulher chuta bola de futebol e cai: Olha aí, Oh! Ih! Tem loira no pedaço.
- (vc20\_2017\_DF\_2:37:15) Mulher tropeça e cai sobre planta: Teste do bafômetro. Mulher loira cai. Mas é sacanagem, ó a cor do cabelo dela.

O estereótipo negativo de que a mulher loira é menos inteligente que as demais faz parte de discursos formulados em diversos meios. Nesse sentido, as construções enunciativas em destaque tendem a fortalecer o tom ultrajante com o qual, frequentemente, as mulheres loiras são referenciadas.

No que tange à construção enunciativa 05, mais uma vez, a posição de mediador do sujeito enunciativo é assinalada pelo verbo *olhar*, flexionado no modo imperativo. Como nos outros casos, essa marca reforça o intento narrativo desse sujeito. Nesse caso, o discurso do sujeito enunciativo determina uma relação de causa e efeito: a mulher caiu ao chutar a bola porque, simplesmente, é loira. Isso é atestado pelo uso das interjeições “*Oh*” e “*Ih*” e pela própria afirmação feita pelo sujeito – “*Tem loira no pedaço.*”

Quanto à construção enunciativa 06, o sujeito enunciativo dá realce à coloração do cabelo da mulher quando diz “*ó a cor do cabelo dela!*”. A sentença tem caráter injuntivo e traz em sua opacidade estímulos, genuinamente, visuais. Tanto na construção 05 como na 06, o sujeito da enunciação justifica a situação prosaica da vídeo cacetada pelo argumento simplista de que a mulher é loira, não expõe outros elementos que certamente influenciaram a situação na qual a mulher se encontra. Desse modo, o tom pejorativo e escarnecedor se ratificam no discurso em questão, bem como o arquétipo pernicioso relacionado à mulher loira é intensificado em virtude do lugar de autoridade que o sujeito enunciativo assume.

Nessas construções enunciativas, percebe-se que a existência de relações de causa e efeito são as responsáveis pela determinação dos argumentos que permeiam o discurso do sujeito enunciativo. Isso quer dizer que o fenótipo se sobrepõe às diversas circunstâncias que possibilitam as situações retratadas nas vídeos cacetadas.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise das construções enunciativas realizada neste trabalho, foi possível observar que os enunciados não são cabais, não são fechados em si mesmos, uma

vez que possuem elementos que transcendem as fronteiras da concretude linguística, permitindo acessar aquilo que se instaura no campo dos sentidos. Nessa perspectiva, vários fatores culminam para que esse processo se torne possível, como a posição que um sujeito enunciativo assume em função de seu dizer, seu centro de autoridade e o contexto em que produz seus discursos. Diante disso, o trabalho se valeu de itens lexicais como categoria de análise, cujo tom constitui um fundo tendencioso estereotipado relacionado ao processo de construção da identidade feminina em vídeos cacetadas. Além disso, a análise considera todo o corpus, haja vista as similitudes entre os elementos que o constituem.

No estudo, também foi permitido considerar que o discurso do apresentador Fausto Silva (sujeito enunciativo) tende a potencializar os estereótipos negativos contíguos ao processo de construção da identidade da mulher a partir de uma posição de autoridade que o contexto de exposição das vídeos cacetadas projetam. Com isso, confirma-se a hipótese de que os discursos produzidos pelo sujeito enunciativo ganham o respaldo da ocasião em que os vídeos caseiros são apresentados no programa Domingão do Faustão. No mais, os passos tomados para a realização da pesquisa deram conta do objeto analisado e os objetivos foram alcançados, tendo em vista que pretendiam dissecar os discursos do sujeito enunciativo no processo de concessão da imagem da mulher por meio do dizer.

O estudo do discurso e seus possíveis efeitos no meio midiático é um tema que ainda pode ser abordado em diferentes desdobramentos, pois na mídia brasileira há outros programas de auditório que tendem a fortalecer discursos tendenciosos estereotipados em torno da condição de determinados sujeitos como gays, negros, pessoas acima do peso ou de aparência física que foge a um padrão determinado pela própria mídia. Nessa perspectiva, a Análise do Discurso não só contribui para o entendimento das variadas construções enunciativas, como também auxilia na compreensão dos elementos subjetivos que compõe os discursos.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 1ª ed. Goiânia: Bandeirante, 2005.

FERREIRA, M.C.L. **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

GREGOLIN, M.R. **Foucault e Pêcheux: na análise do discurso – diálogos e duelos**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Escuta, 2011.

GREGOLETTO, M. “**Análise do Discurso, sujeito e interdiscursividade**”, in **A resistência das palavras**. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editora, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SERAPHIM, R. C. Análise do Discurso Francesa. In:\_\_\_**O sujeito entre o desejo e o excesso**\_.  
Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Ivan Vale de Sousa** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 13, 14, 16, 17, 20, 22

Ambiguidade 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 80, 103, 119, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 37, 75, 101, 102, 108, 110, 132, 133, 135, 179

### B

Bilinguismo 14, 15, 20

### C

Contexto laboral 60

Contos de fadas 91, 92, 93, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112

Currículo escolar 13, 16, 17, 19

### D

Discursos 13, 14, 18, 19, 20, 22, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 84, 86, 90, 128, 131, 158, 172

### E

Educação linguística 17, 23, 36

Ensino básico 13, 15, 17, 18, 21

Ensino fundamental 1, 2, 4, 11, 36, 37, 42, 180

Equidade 17, 22

Escola regular 15, 18, 20, 42

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 33, 34, 45, 50, 53, 72, 73, 92, 99, 108, 109, 130, 165, 178, 189, 198, 199

Euripedes 89

### F

Figura feminina 60, 61, 66

Formação bilíngue 13

### G

Gramática 13, 15, 134, 136, 138, 140, 148, 200

### H

Herta Muller 160, 161, 165

Histórias em quadrinhos 179, 180, 181, 182, 187

## I

Igualdade 17, 20, 136, 164, 174

Inclusão 4, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 142

## L

Lázaro de Tormes 47, 50, 55

Leitura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 24, 27, 40, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 128, 129, 130, 131, 153, 160, 162, 163, 164, 165, 179, 180, 181, 188, 191

Letramento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 35, 36, 37, 39, 42, 112

Língua 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 51, 61, 63, 64, 65, 72, 84, 86, 89, 90, 106, 108, 111, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 155, 181, 189, 198, 199, 200

Língua Brasileira de Sinais 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23

Língua Latina 132, 133, 134, 135, 136

Língua Portuguesa 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 21, 34, 51, 72, 89, 111, 127, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 181, 199, 200

Literatura 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 72, 74, 91, 92, 95, 96, 100, 102, 108, 109, 110, 112, 120, 124, 143, 148, 160, 161, 165, 167, 168, 169, 179

Livro didático 33, 34, 35, 36, 37, 198, 199

## M

Memes 127, 128, 129, 130, 131

Metáforas 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 163

Monteiro Lobato 167, 168

Morfologia 137, 138, 142, 145

## P

Piada 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 60, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Poesia 7, 113, 117, 118, 152, 156

Psicanálise 64, 95, 101, 102, 103, 109, 111, 112

